

# TERRORISMO: O RECRUTAMENTO VIRTUAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES E O PAPEL DA EDUCAÇÃO

CARLOS FREDERICO FELÍCIO FAGUNDES

POLÍCIA FEDERAL - MG

## RESUMO

Este artigo, produzido em junho de 2020, analisa o recrutamento de crianças e adolescentes por grupos terroristas nas plataformas das redes sociais e o papel da educação quanto à prevenção e ao combate a esse fenômeno. O terrorismo nunca esteve tão em evidência como atualmente, haja vista a sequência de atentados deflagrados, principalmente nos países ocidentais, revelando que se mantém em plena atividade, mesmo depois da reação norte-americana após o dia 11 de setembro de 2001. No entanto, tem-se visto que, em grande parte dos ataques, os autores são indivíduos de origem estrangeira (ocidentais ou naturalizados), radicalizados e recrutados por meio da Internet, e, destes, uma parcela significativa é formada por crianças e adolescentes. Para desenvolver esta análise, o manuscrito apresenta a seguinte estrutura: além da introdução, na qual fez-se um breve relato acerca da temática, a primeira parte contempla dados e informações sobre o uso da Internet pelo público infantojuvenil e descreve o modo como alguns grupos terroristas têm se servido dessa tecnologia. Já a segunda aponta as transformações após o 11 de setembro, em especial quanto à estrutura organizacional dos grupos extremistas. Aborda também a questão da radicalização e delinea o motivo pelo qual os radicais vêm conferindo especial interesse ao recrutamento de crianças e adolescentes. A parte final traz uma reflexão a respeito do papel da educação como ferramenta de combate e conclui com considerações e sugestões direcionadas às instituições escolares, às famílias e às autoridades governamentais no que diz respeito à prevenção e ao combate à radicalização de indivíduos jovens no ambiente virtual.

**PALAVRAS-CHAVE:** terrorismo; criança; adolescente; internet; radicalização; educação.

## 1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista o acesso das nações ao mercado global, principalmente a partir de meados do século XX,<sup>1</sup> a sociedade mundial vem acompanhando céleres transformações ocorridas em sua estrutura. Na

1 Nesse período houve uma mudança na sociedade, legitimando a globalização, cujo caráter se voltou inteiramente ao âmbito econômico com o livre comércio.

pauta internacional, além da economia, da política e de questões sociais, um tema vem preocupando, principalmente, às autoridades norte-americanas<sup>2</sup> e sendo debatido em congressos<sup>3</sup> de segurança internacional: a radicalização de crianças e adolescentes por grupos/células terroristas por meio da rede mundial de computadores.

Devido à expansão comercial,<sup>4</sup> aliada ao desenvolvimento tecnológico, essas renovações sociais têm sido marcadas por um ritmo acelerado, afetando todas as esferas da vida humana. Sato (2015, p. 27) aponta duas características inerentes ao “paradigma da globalização”: a participação de todas as nações em assuntos globais e a especificidade encontrada no âmbito internacional, dotada de uma realidade distinta, que tem sido capaz de condicionar as realidades domésticas.

Tal fato nos tem levado a uma percepção de que as questões da humanidade, sob uma perspectiva multidisciplinar, são intrincadas, interdependentes e, como tal, devem ser tratadas por meio de uma visão alargada (macro), capaz de possibilitar a compreensão do mundo no qual vivemos.

Contudo, a abertura das fronteiras, decorrente de tais avanços, levou a uma aproximação comercial e cultural entre os países desenvolvidos (e os em desenvolvimento) e acentuou, conjuntamente, a sua distância em relação às nações pobres, nas quais significativa parcela da população, em pleno século XXI, vive em péssimas condições<sup>5</sup> e mui-

---

2 De acordo com a matéria “O Estado Islâmico e a Internet: onde e como eles recrutam”, publicada em 20 de novembro de 2015, cerca de 80% das 69 pessoas que abandonaram os Estados Unidos para se alistarem ao grupo terrorista foram persuadidas através das redes sociais, segundo o relatório do Centro de Segurança Nacional da Faculdade de Direito da Universidade de Fordham (Nova Iorque) (CORREIA, 2015).

3 Congresso realizado em outubro de 2018, em Luxemburgo/Bélgica (RAN CENTRE OF EXCELLENCE, 2021). Em fevereiro de 2015, houve um seminário denominado *The White House Summit to Counter Violent Extremism*, no qual foram debatidas questões sobre os adolescentes recrutados por grupos terroristas. Outro exemplo é o IX Seminário de Pesquisas FESPSP – Ciências Sociais Aplicadas, ocorrido de 9 a 13 novembro de 2020, promovido pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

4 Importante citar que, quando se pensa em globalização (mundo globalizado), a base para esse processo nasceu ainda no século XV, quando os europeus navegaram em direção à América e, posteriormente, à África e à Ásia, explorando e conquistando novos territórios. A formação de colônias levou a uma expansão comercial europeia, uma vez que forneciam a mão de obra escrava.

5 Segundo a matéria intitulada “Fome na África”, publicada por Mateus Bunde [201-?] no *site* TODO ESTUDO, estima-se que 236 milhões de pessoas vivem em situação de fome no

to distante da tecnologia. Um exemplo é a utilização da rede mundial de computadores, conforme asseveram Silva, Correia e Lima (2010, p. 227), para quem “[...] a dificuldade de acesso amplia o mito da tecnologia para os mais pobres. A inclusão social não é apenas uma questão de distribuição dos recursos econômicos, mas implica a participação dos indivíduos nas oportunidades individuais e coletivas.”

Enquanto há blocos de países avançando e se modernizando em resposta às necessidades da era moderna,<sup>6</sup> nos países subdesenvolvidos<sup>7</sup> aumentam as desigualdades entre os indivíduos, cuja frágil existência testemunha, inclusive, crianças indefesas buscando estratégias para sobreviverem nesse mundo que parece não ser o delas:

Em termos gerais, é consenso entre analistas que a realização do novo paradigma se dá em ritmo e atinge níveis díspares nas várias sociedades. [...] já é lugar comum a distinção entre países e grupos sociais ricos e pobres em informação. As desigualdades de renda e desenvolvimento industrial entre os povos e grupos da sociedade reproduzem-se no novo paradigma. Enquanto, no mundo industrializado, a informatização de processos sociais ainda tem de incorporar alguns segmentos sociais e minorias excluídas, na grande maioria dos países em desenvolvimento, entre eles os latino-americanos, vastos setores da população, compreendendo os médios e pequenos produtores e comerciantes, docentes e estudantes da área rural e setores populares urbanos, adultos, jovens e crianças das classes populares no campo e na cidade, além daquelas populações marginalizadas como desempregados crônicos e os sem-teto engrossam a fatia dos que estão ainda longe de integrar-se no novo paradigma. (GUEVARA, 2000 *apud* WERTHEIN, 2000, p. 73).

Essa corrida desenfreada pelo poder tem fortalecido a concorrência entre os homens, resultando na desumanização de suas relações. Mudam-se as necessidades e os desejos, fazendo-se emergir um imediatismo que transborda e dessensibiliza a própria existência humana.

---

continente africano e detém os piores índices quando o assunto é subnutrição. Disponível em <<https://www.todoestudo.com.br/geografia/fome-na-africa>>.

6 Aqui, com o significado de modernidade, aquilo que é contemporâneo, e não em seu sentido estrito.

7 “De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), países subdesenvolvidos, também conhecidos como países menos desenvolvidos ou países menos avançados, são aqueles que apresentam baixo desenvolvimento econômico e social” (SOUSA, [201-?]).

Esse vazio de valores éticos e morais é preenchido pela violência (e todos os seus traços), que tem demonstrado ser um recurso eficaz, porém repugnante, para se obter poder e reconhecimento.

Aproveitando-se desse cenário de banalização da vida, grupos terroristas, ao acompanharem tais transformações, vêm se modernizando e ampliando o seu espaço de atuação. De acordo com a Lei n.º 13.260 de 16 de março de 2016 (Lei brasileira de enfrentamento ao terrorismo), grupos terroristas são aqueles que, associados ou não, usam ou ameaçam usar, transportar, guardar ou carregar consigo explosivos, gases tóxicos, venenos, conteúdos biológicos, químicos, nucleares ou praticam outros meios capazes de causar danos ou promover a destruição em massa. Ainda, são considerados terroristas os grupos que sabotam o funcionamento ou apoderam-se, mediante grave ameaça a pessoa ou por meios cibernéticos, do controle total ou parcial, mesmo que por um tempo determinado, dos meios de comunicação ou de transporte, de portos, aeroportos, estações ferroviárias ou rodoviárias, hospitais, casas de saúde, escolas, estádios, instalações públicas ou locais onde funcionem serviços públicos essenciais, instalações de energia, militares, de exploração, refino e processamento de petróleo e gás e instituições bancárias e sua respectiva rede de atendimento (BRASIL, 2016).

Para a legislação argentina, aquela pessoa cujo propósito é aterrorizar a população – ou obrigar as autoridades públicas nacionais, ou governos estrangeiros, ou agentes de uma organização internacional a realizarem um ato ou a se absterem de fazê-lo – deve ser concebida como terrorista (ARGENTINA, 2011).

O governo dos Estados Unidos (EUA), por meio da sua página oficial ([fbi.gov/investigate/terrorismo](http://fbi.gov/investigate/terrorismo)), declara que terrorista é o indivíduo que age violentamente para intimidar ou coagir a população civil, influenciar a política de um governo por meio de intimidação ou coerção ou para afetar a conduta de um governo por meio de destruição em massa, assassinato ou sequestro (FBI, [201-?]).

Como toda e qualquer organização que deseja se desenvolver, tais criminosos adaptaram o seu modo de operar e vem tirando proveito disso: “[...] diferentes grupos terroristas demonstram que têm procurado se capacitar em termos de tecnologia de modo a poderem

usufruir de todas as ferramentas e possibilidades que a internet oferece” (CÂMARA, 2016, p. 199).

A aquisição do poderio bélico sofisticado e a constituição (e manutenção) de uma ampla rede de contatos têm lhes propiciado agir em qualquer parte do mundo, de forma rápida e eficiente. Um dos motivos dessa capacidade se deve ao fato de que essas organizações vêm imprimindo um novo olhar em relação à utilização da rede mundial de computadores, transformando-a numa notável ferramenta de radicalização e formação de soldados:<sup>8</sup> “É nesse contexto de grande interatividade e de exponencial crescimento do uso da internet, sobretudo por uma significativa parcela de jovens, que diversas organizações terroristas têm procurado investir em ferramentas tecnológicas [...]” (CÂMARA, 2016, p. 198).

Teixeira (2014) cita que a utilização dos canais de comunicação não é uma prática tão recente, pois eles já vinham sendo envolvidos durante as grandes guerras, desde o telégrafo até o surgimento dos computadores. Nessa mesma linha, Lima (1996, p. 239) afirma que “[...] Não surpreende, portanto, que os mídia tenham também se transformado em palco e objeto privilegiado das disputas pelo poder político na contemporaneidade e, conseqüentemente, em fonte primeira das incertezas com relação ao futuro da democracia.”

Assim, este artigo vem explorar a seguinte questão: como o processo educativo pode fazer frente e prevenir/combater a radicalização virtual de crianças e adolescentes por grupos/células terroristas?

Compreende-se que a educação, como instrumento de libertação (conferindo autonomia ao indivíduo), deve ser a principal arma capaz de promover a reconstituição de uma sociedade, na qual o respeito e a valorização da vida humana se tornem prioridade e se sobreponham a quaisquer outras questões denominadas urgentes. Essa educação deve basear-se na supressão das desigualdades e no reconhecimento

---

8 Denominada “a nova geração de ódio do Estado Islâmico”, as crianças recebiam treinamento militar na Síria, por meio de um rigoroso programa que, diariamente, se iniciava às 4h da madrugada, com orações. Após eram feitos exercícios físicos e treinamento para combate, ademais de serem ministradas lições sobre a *sharia* (lei islâmica). Ainda que seja considerado um crime de guerra, o recrutamento de crianças foi bastante utilizado pelo El e os aliciadores prometiam a salvação e o paraíso, além de realizarem alguns desejos dos pequenos. Estima-se que duas mil crianças se tornaram “Filhotes do Califado” (SOMMERVILLE; DALATI, 2017).

dos valores essenciais que devem permear o caminho dos indivíduos independentemente de sua condição étnica, social e econômica. Para tanto, segundo Jares (2005, p. 95), é “[...] necessário, em nossa opinião, relançar o nosso olhar para o princípio inegociável do valor da vida, especialmente naqueles contextos em que se vislumbra o avanço da pior situação que se possa imaginar, que é a perda do valor da vida humana.”

É preciso acreditar na constituição de um projeto educativo fundamentado na importância do ser humano, cujo compromisso se volte para a sensibilização do indivíduo, habilitando-o a condenar qualquer ato que viole os seus direitos fundamentais. Assim, dar-se-á início a um processo de reversão do atual cenário, tendo como foco, principalmente, as crianças e os adolescentes, ao garantir-lhes uma vida assentada na igualdade desses mesmos direitos, na qual a paz e a esperança se façam presentes em todas as suas relações sociais.

Nesse sentido, urge salientar que o papel da educação transcende a construção do conhecimento e o exercício do aprender a aprender: ela deve formar sujeitos capazes de resistir à dominação e de promover uma autorreflexão. Uma prática educativa que fomente o pensamento crítico e consciente faz com que, “[...] mesmo diante do surgimento de outras e novas formas de opressão e ideologias fundamentadas na barbárie, não haja mentes vulneráveis e disponíveis para servi-las” (FAGUNDES; CHUY, 2019, p. 299).

Ainda que a academia venha discutindo o terrorismo e as consequências advindas da sua presença, este texto, constituído de duas partes e da conclusão, tem a intenção de analisar o papel da educação como vetor preventivo e de enfrentamento à cooptação de crianças e adolescentes na *web*, apresentando originalidade ao eleger temas de relevância inquestionável e ainda não confrontados.

Nesta direção, este artigo traz uma importante discussão acerca do recrutamento virtual do público infantojuvenil, evidenciando o atual comportamento do terrorismo transnacional contemporâneo, um fenômeno social que tem utilizado, além de outras técnicas, a Internet para atrair combatentes cada vez mais jovens.

Assim, na primeira parte, apresenta-se (inclusive, mostrando dados quantitativos) a relação que a população mundial mantém com a Internet e o que leva alguns dos mais expressivos grupos terroristas da atualidade a se dedicarem a esse canal de comunicação. Já na segunda, procura-se discorrer sobre a radicalização de crianças e adolescentes por grupos/células terroristas no ambiente virtual. Por fim, faz-se uma reflexão acerca do papel da educação no sentido de combater a cooptação desses pequenos e, na conclusão, há algumas sugestões direcionadas a docentes, familiares e autoridades governamentais responsáveis por enfrentarem esse fenômeno.

## 2. O USO DA INTERNET

Diante da necessidade de aparelhar a comunidade acadêmica e militar, o governo americano, na década de 1960, criou uma rede na qual cada equipamento, dotado de relativa autonomia, se comunicasse da maneira difusa. Lins (2013, p. 13) cita que esse projeto, denominado Arpanet,<sup>9</sup> foi o “embrião de uma rede mundial, uma “rede de redes”, a Internet que hoje conhecemos”. Se naquela época, metade do século XX, o seu uso era exclusivo das forças militares americanas, em 1982, começou ser utilizada também pelas universidades, período no qual surgiu o termo “Internet”, significando a interligação entre redes de computadores.

Fruto de pesquisas empreendidas no contexto da Guerra Fria,<sup>10</sup> a chegada da Internet revolucionou o mundo ao colocar à disposição do homem incontáveis facilidades que dinamizam as suas atividades; influenciando decisivamente na maneira como vivemos e nos relacionamos. Em meio a uma interconexão global, as relações entre tempo e o espaço se alteram constantemente, originando novas formas de comunicação.

---

9 Em 1960, um projeto de rede inovador foi desenvolvido por cientistas do Massachusetts Institute of Technology (MIT), destinado a atender a agência de projetos de pesquisa avançada do Departamento de Defesa dos EUA (DARPA) (LINS, 2013).

10 De acordo com Biagi (2001, p. 69-70), a Guerra Fria foi um período pós-Segunda Guerra Mundial, no qual as superpotências ocidentais (Estados Unidos, Inglaterra, França, dentre outras) estabeleceram esferas de influência para a segurança e o domínio (principalmente em face da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), o que resultou na divisão política e econômica do mundo. Dentre os motivos, os EUA tinham receio da expansão do comunismo.

Atualmente, a conectividade da rede mundial de computadores oportuniza o acesso e o compartilhamento da informação, representando um bem de grande consumo dentre os países desenvolvidos (87%). No entanto, seu uso expõe um acentuado contraste entre o continente europeu (82,5%) e, por exemplo, o africano, onde apenas 28,2% das pessoas desfrutam dessa tecnologia: “O relatório *Mensurando o Desenvolvimento Digital: Fatos e Números 2019* sugere que a maioria dos desconectados vive nos países menos desenvolvidos, onde apenas 20% estão conectados à Internet” (ONU NEWS, 2019).

No Brasil, aproximadamente 24,3 milhões de crianças e adolescentes, cuja idade está entre 9 e 17 anos, se conectam na rede. Segundo os números apresentados pela Unicef (2015 *apud* MPMGO, 2015), percebe-se que os jovens lideram o uso da Internet em qualquer plataforma de comunicação:

81% acessam a internet todos os dias ou quase todos os dias;

82% utilizam celular para acessar a rede (em 2013 era 53%);

56% utilizam computador de mesa/PC para acessar a rede (em 2013 era 71%);

68% utilizaram Internet para trabalhos escolares no último mês que antecede a pesquisa;

79% possuem perfil próprio em redes sociais.

O crescimento na utilização da rede entre o público jovem foi também objeto de estudo do relatório da *Tic Kids Online Brasil*, cuja pesquisa, realizada entre o mês de outubro de 2018 e março de 2019, procurou conhecer o comportamento da população infantojuvenil diante da rede. Esses dados foram coletados numa amostra de 2.964 crianças e adolescentes, incluindo suas respectivas famílias (ONU, 2019).

O estudo apontou as regiões Sudeste e Centro-Oeste como as que abrigam o maior número de usuários (crianças e adolescentes), sendo a maioria estudantes dos níveis fundamental II e médio, cuja idade está entre 15 e 17 anos, advindos das classes A, B e C. Quanto àqueles que não têm o costume de navegar pela rede, a maior parcela indicou como motivo a ausência do computador em casa e na escola. Destes, grande parte se concentra na região Nordeste do País e advêm das classes mais baixas da população (D e E). Interessante observar

que, dentre os entrevistados, aqueles que responderam ser uma proibição dos pais a causa de sua ausência na rede representam a metade do grupo que mais a utiliza.

Quanto ao tipo de equipamento usado, a pesquisa demonstrou que, entre os anos de 2013 e 2018, o uso do computador (CPU, laptop) vem diminuindo, ao passo que o de telefonia móvel (os *smartphones*, por exemplo) tem crescido significativamente. Em cinco anos, pode-se afirmar que a relação entre ambos os equipamentos praticamente se inverteu, resguardando a mesma proporção, ou seja, em 2013, o uso do computador para acessar a internet, por parte do público infantojuvenil, representava quase o dobro em relação ao uso do telefone celular, relação invertida em 2018. Esse fato corrobora a declaração da União Internacional de Telecomunicações (UIT),<sup>11</sup> em seu *site* oficial, de que 97% da população mundial vive, atualmente, dentro do alcance de sinais de telefonia móvel; destes, 93% possuem cobertura de rede 3G<sup>12</sup> ou superior.

Em relação às idades, os resultados apontaram que o grupo de jovens entre 15 e 17 anos é o mais ativo quando o assunto é a internet. Possui mais perfis em aplicativos (Facebook, WhatsApp e Instagram) e representa a maioria dos internautas que adicionam, como seus contatos, pessoas desconhecidas. Assim, acabam enviando fotos e dados pessoais com o objetivo de conquistar novos amigos na rede.

Outra informação que se pode extrair da citada pesquisa é que, quando o assunto é a intervenção dos pais diante do uso excessivo da internet, o grupo cuja idade se encontra entre 15 e 17 anos apresentou os menores índices. Um dado importante, uma vez que, diante da desatenção dos pais, esses indivíduos têm mais liberdade para navegar e se comunicar com qualquer um sem a vigilância familiar.

---

11 Agência do Sistema das Nações Unidas dedicada a temas relacionados às Telecomunicações e às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC).

12 Lançada no final da década de 1990 e início dos anos 2000, essa tecnologia, hoje já superada, revolucionou a forma de comunicação dos aparelhos de telefonia móveis. A partir daquela época, os aparelhos de telefonia móveis se tornaram dispositivos híbridos (voz, vídeo e acesso à Internet). Dados extraídos do artigo “Trajetórias Tecnológicas da indústria de telefonia móvel: um exame prospectivo de tecnologias emergentes”, de Neris Jr., Fucidji e Gomes (2014).

## 2.1 A INTERNET COMO ALIADA

É certo que a internet revolucionou o mundo ao oportunizar o acesso instantâneo às informações e aos conhecimentos num curtíssimo espaço de tempo, além do seu poder de comunicação instantânea. Indiscutível avanço, porém, não tem sido absorvido e aprimorado tão somente para ações de bem.

Desde o final dos anos 1980, a Internet provou ser um meio altamente dinâmico de comunicação, atingindo um público cada vez maior em todo o mundo. O desenvolvimento de tecnologias cada vez mais sofisticadas criou uma rede com um alcance verdadeiramente global, com barreiras relativamente baixas. [...] Também deve ser reconhecido, no entanto, que a mesma tecnologia que facilita essa comunicação também pode ser explorada para fins de terrorismo.<sup>13</sup> (UNODC, 2012, p. 3).

Impulsionada por um lépido desenvolvimento tecnológico, a rede mundial de computadores se tornou a ferramenta mais importante utilizada pelos terroristas para recrutar adeptos, pois não demanda que os criminosos cruzem as fronteiras do seu próprio território.

Percebemos ainda que o uso da rede mundial de computadores fez com que a noção de distância perdesse o sentido. Para Bauman (2001), as distâncias já não importam e a ideia de uma fronteira geográfica é cada vez mais difícil de sustentar no mundo real. As tecnologias deram mobilidade à informação. (SILVA; CORREIA; LIMA, 2010, p. 227).

Por meio dela, tem sido possível desenvolver um processo de radicalização inimaginável em tempos remotos, dispensando a proximidade entre o terrorista e o recrutado. Isso tem garantido relativo grau de anonimato no que se refere às suas identidades. Para Faad e Marques (2019, p. 22), “[...] se no passado todo o ciclo de preparação de novos terroristas dependia de encontros físicos e de uma logística bem estruturada, hoje não”.

---

13 Tradução nossa de: “*Since the late 1980s, the Internet has proven to be a highly dynamic means of communications, reaching an ever-growing audience worldwide. The development of increasingly sophisticated Technologies has created a network with a truly global reach, and relatively low barriers to entry. It must also be recognized, however, that the same technology that facilitates such communication can also be exploited for the purposes of terrorism*”.

Esse processo se dá mediante as publicações realizadas pelos terroristas em seus *sites* oficiais, localizados em ambientes conhecidos como *deep web*,<sup>14</sup> nos quais o acesso a conteúdos ideológicos (e de ódio)<sup>15</sup> têm atraído jovens de toda a parte, resultando num aumento significativo do número de estrangeiros simpatizantes que abraçam a causa fundamentalista islâmica:

Em sua primeira guerrilha, al-Zarqawi lançou um filme altamente profissional de seis minutos chamado Todas as Religiões Serão por Alá via internet em 29 de junho de 2005 [...] A ala de informação de al-Zarqawi oferecia o filme em diversos formatos – uma versão em alta resolução para aqueles com banda larga e um arquivo menor para os que possuíam conexões discadas, uma que era possível até mesmo fazer o download em um telefone celular”. (ATWAN, 2008, p. 146 *apud* FAGUNDES; CHUY, 2019, p. 278).

Por ser um caminho rápido e mais seguro, os radicais vêm destinando grande importância (e recursos) à edição, publicação e difusão de mídias que expõem a história do grupo, o que defendem, como agem e o motivo que os leva a trilhar esse caminho. Uma leitura intencionalmente produzida para seduzir novos combatentes, persuadindo-os ao acionar o “gatilho” emocional do jovem leitor, que passa a se identificar com os propósitos do grupo.

Ao se tornarem fortes aliados do terror, favorecendo a exposição da sua imagem em distintas partes do mundo, os meios de co-

---

14 *Deep WEB* é uma ferramenta libertária no seu núcleo e em seus princípios. Utilizada principalmente para compartilhar informações que não podem figurar na Internet comum. Quando usada para o mal, torna-se um território livre para a prática de crimes (pedofilia, tortura, estupro, tráfico de drogas e armas). Há casos em que funciona como grandes centros de organização para ataques terroristas, como o que aconteceu numa escola de Susano recentemente (DALAMURA, 2019).

15 Trata-se de material (comunicados, vídeos, cartilhas, áudios, filmes e manuais) destinado a encorajar, induzir, incentivar e, até mesmo, radicalizar indivíduos a lutarem em apoio à causa fundamentalista islâmica, guerreando contra os inimigos imperialistas (EUA e seus aliados). Atwan (2008, p. 148-149), em sua obra *A história secreta da Al-Qaeda*, cita que a Internet “[...] é uma ferramenta-chave no recrutamento, inspirando milhares a juntar-se à jihad [...]”. Ademais, grande parte dos *sites* jihads descrevem algumas ações, como as diferentes formas pelas quais a jihad pode ser expressa, e o martírio (sacrifício da própria vida com a certeza de ter assegurado um lugar no paraíso), favorecendo assim o engajamento de sujeitos jovens que se encontram isolados, à margem da sociedade, uma vez que interagem com pessoas na mesma situação que a sua, na batalha contra o inimigo ocidental (ATWAN, 2008, p. 166-171).

municação conferem um caminho livre e sem volta. Uma vez na rede, as autoridades não conseguem mapear e tampouco delimitar a disseminação dos conteúdos virtualmente esparramados pelos terroristas, ainda que sejam identificados e punidos no rigor da lei.

Nesses conteúdos há o compartilhamento de vídeos que exibem técnicas de guerrilha, montagem e desmontagem de armas, operações de treinamentos de soldados, enfim, o dia a dia dos combates, incluindo as execuções reais de prisioneiros.

Jogado da caçamba de um caminhão e visível a todos, Foley servia de aviso para o povo de Raqqa – os novos senhores da cidade não mostrariam misericórdia. O que aconteceu em seguida está registrado em um vídeo que o Estado Islâmico divulgou em 19 de agosto de 2014, com o título: “Uma mensagem para América”. A mensagem impactou o mundo inteiro. Um homem mascarado vestido de preto é mostrado de pé diante de um local com as mãos atadas às costas. [...] O jihadista mascarado identifica o prisioneiro como James Wright Foley, um cidadão americano do seu país. Então usa a faca de cabo preto e lâmina larga para decapitar o prisioneiro. [...] A tela escurece e a imagem seguinte é a de um corpo com a cabeça colocada sobre o peito. (VERKAIK, 2017, p. 12).

Os grupos de aplicativos de mensagens também fazem parte do rol de plataformas cujo teor da discussão se volta para a pregação doutrinária e a disseminação do fundamentalismo. Já para os chamados “lobos solitários”,<sup>16</sup> além da variedade de materiais já descritos, são disponibilizados pelos terroristas manuais que contêm o passo-a-passo para a confecção de artefatos explosivos, inclusive com a especificação/quantidade de cada produto a ser adquirido.

---

16 Segundo a Revista Gestão Universitária, a origem do nome se remete ao lobo (animal), cujo costume é viver em grupos hierarquicamente organizados, num modelo sistemático similar ao de uma organização militar. No entanto, há casos de lobos que se separam da vida em família e, por motivos de adaptação, vivem solitários. Juntamente a esse conceito, o contexto da Guerra Fria inspirou a denominação da expressão ‘espíões solitários’, conectados por redes de espionagens soviéticas, que viviam em outros países aguardando o momento de serem convocados para realizar a sua missão. Por meio de identidades falsas, constituíam família e procuravam levar uma vida normal, que não levantasse suspeita (SANTOS, 2018).

Figura 1 – Recrutador na Web



Fonte: Depositphotos (2020).

### 3. AS MUDANÇAS APÓS 11 DE SETEMBRO DE 2001

Denominada como a “nova onda”,<sup>17</sup> a vasta literatura reconhece que, após o ataque do dia 11 de setembro de 2001, alguns grupos terroristas (principalmente a Al-Qaeda e, com mais intensidade, o Estado Islâmico)<sup>18</sup> têm empreendido grandes esforços no sentido de aprimorar as suas ações por meio da internet.

Os grandes atentados ocorridos nos Estados Unidos e na Espanha alteraram profundamente o desenho da almejada tranquilidade global. Está comprovado que o terrorismo saltou dos rincões longínquos do Oriente Médio para ser um vetor decisivo do futuro da humanidade. (SEGUNDO ENCONTRO DE ESTUDOS: TERRORISMO, 2004, p. 3).

Uma das possíveis explicações repousa na tese de que, diante da reação ocidental ao ataque às Torres Gêmeas, a Al-Qaeda promo-

17 Rapoport (1984) analisou o terrorismo por meio de uma sequência de ondas, em que cada uma representa um ciclo de atividades num determinado período.

18 Organização terrorista que surgiu a partir do objetivo de se estabelecer em territórios de maioria sunita no Iraque.

veu uma transformação em sua estrutura, provando que de primitiva nada têm. Com a intenção de se defenderem e de se furtarem à reação norte-americana (que, por sua vez, também considerou a necessidade de se prepararem estrategicamente), seus líderes horizontalizaram sua estrutura organizacional, levando em conta dois motivos que se acredita terem fundamento: inicialmente, os terroristas impuseram uma forma de não recuarem, o que permitiu a continuidade dos seus ataques. Desse modo, houve “[...] uma mudança de grupos terroristas hierarquicamente organizados para redes de grupos e indivíduos vagamente alinhados que compartilham uma estrutura ideológica comum [...]” (SCHMID, 2011, p. 4).<sup>19</sup>

Por consequência, ao romper com o modelo vertical em sua cadeia de comando, essas organizações auferiram agilidade, flexibilidade, imprevisibilidade e alcance, atributos que lhe rendem a permanência no cenário internacional, ainda que não se façam presentes em território inimigo. O segundo motivo, na verdade, precede o anterior, uma vez que fora a partir dele que o uso da internet, por parte dos radicais, se tornou uma ferramenta nociva ao mundo ocidental. “Terrorismo, em todas as suas manifestações, afeta a todos nós. O uso da Internet para propósitos terroristas desconsidera fronteiras nacionais, ampliando o poder do impacto sobre as vítimas”<sup>20</sup> (UNODC, 2012, p. 5).

Considerando esse novo contexto, os países mais visados a serem de palco para ataques terroristas (os europeus, por exemplo) têm priorizado o seu enfrentamento, o que resultou num exponencial aumento de prisões de suspeitos. Os números falam por si e apresentam um alarmante cenário: na Europa, de 2015 até 2019, houve 108 ataques terroristas, sendo 33 deles apenas no último ano, em sua maioria perpetrados pelo Estado Islâmico (PARLAMENTO EUROPEU, 2019).

Desde 2015, uma nova onda de atentados terroristas vem atingindo a Europa. Registrou-se um aumento dos ataques jihadistas, de dois, em 2014, para 17, em 2015, e 33, em 2017, segundo dados da Eu-

---

19 Tradução nossa de: “[...] a shift from hierarchically organized terrorist groups to networks of loosely aligned groups and individuals sharing a common ideological framework [...]”.

20 Tradução nossa de: “*Terrorism, in all its manifestations, affects us all. The use of the Internet to further terrorist purposes disregards national borders, amplifying the potential impact on victims*”.

ropol (PARLAMENTO EUROPEU, 2019). A Europol (Agência de Aplicação da Lei da União Europeia) aponta a Internet como o caminho ideal para o surgimento dos denominados “lobos solitários”, indivíduos nativos que se radicalizam em seu próprio país (alvo dos ataques), sem que seja preciso se deslocarem para as regiões onde os terroristas mantêm suas bases (HSI, 2009, p. 1). Com isso, “[a] Internet se tornou um importante recurso para disseminar propaganda terrorista e instruções para os jovens que, de outra maneira, não teriam contato direto com grupos de recrutadores ou apoiadores” (HSI, 2009, p. 1).

Esses jovens nem sempre conseguem estabelecer uma identidade com a sociedade em que vivem e, portanto, experimentam uma ausência de pertencimento social. Ao buscarem sentido em suas vidas, se identificam com a ideologia extremista e passam a operar em nome do terror, com a incumbência de eliminar os ditos infiéis em seu próprio território. Nesse sentido, Koury (2010, p. 32) aponta que

[a] confiança e a confiabilidade são elementos categoriais importantes para a definição de pertença ao grupo [...] Podem se espelhar internamente, no sentimento de solidariedade e irmandade, quanto externamente, através da visibilidade de ações e comportamentos sociais marcadores de singularidades e especificidades que demarcam o grupo de jovens frente aos demais e à sociedade onde se encontram inseridos em geral. [...] No processo de integração no coletivo, o indivíduo que se sente pertencendo ao grupo, sente-se, também, como que encontrando a sua face no social.

Esses indivíduos agem dessa maneira na tentativa de preencher o vazio que lhes aprisionava, uma vez que inúmeros são os fatores que os levam a defender uma causa que não lhes pertence.

Observa-se dentro da nova tendência tecnológica terrorista a significativa participação de terroristas com um novo perfil. Assim, indivíduos mais impulsivos e menos conhecedores das reais demandas e ambições das organizações passam a agir sem uma conexão direta. Menos ideológicos, esses “novos terroristas” muitas vezes são motivados por fatores e aspectos pessoais como tendências violentas, problemas psicológicos, espírito de aventura ou ainda por fatores sociais como marginalização e exclusão [...]. (FAGUNDES; CHUY, 2018, p. 99).

Apesar dessa importante reflexão, há autores que creditam a alguns comportamentos do próprio imigrante muçulmano a responsabilidade por intensificar a desconfortável situação por eles vivenciada nos países ocidentais, pois, “[...] por um lado, são rejeitados como cidadãos, por outro, parte significativa deles apresenta ideias e modelos de comportamento que contribuem para marginalizá-los e identificá-los como não cidadãos” (KHOSROKHAVAR, 2018, p. 491).

Uma parcela significativa dos sujeitos que se radicalizam é formada por crianças e adolescentes. A adesão a um grupo parece determinar alterações positivas, deslocando-os de uma vida sem sentido para uma esfera na qual se sintam alinhados com outros indivíduos do grupo e consigo mesmos:

É um lugar de duplo significado: de um lado, um lugar de semelhança onde a identificação com os demais membros cria um sentido de familiaridade [...] pela confiança e confiabilidade aferida e doada pelas partes em relação; do outro lado é como um lugar de diferenciação, a partir do qual o sujeito pode se tornar visível como individualidade, é a marca de uma personalidade que possibilita a fala e comunicabilidade com outros diferentes. (KOURY, 2010, p. 33).

Se antes a sombra da exclusão os mantinha invisíveis, atualmente o compromisso com a jihad, ainda que separados por distâncias continentais, os torna protagonistas<sup>21</sup> de algo grandioso: a autoria de um ataque que possa exterminar o maior número possível de ocidentais:

Agora, o confronto com a morte abre a perspectiva de um futuro glorioso, passada a provação imposta pela Xaria determinada por um certo jihadismo e a ideia de que este mesmo Estado Islâmico deve perdurar até o final dos tempos. Para esses atores jovens, e muitas vezes ingênuos, a imaginação desenfreada leva a enxergar apenas o lado radiante de um islamismo utópico. (KHOSROKHAVAR, 2018, p. 494).

---

21 Conforme Sullivan (2008), a doutrinação de crianças resulta em combatentes mais eficazes, que operam de maneira audaz e impune. São sujeitos que assumem mais riscos, apresentam bem menos medo da morte (se comparados aos adultos) e são incapazes de ponderar as consequências das suas ações. Mediante o uso de drogas ou álcool, tornam-se audaciosas máquinas mortíferas.

Khosrokhavar (2018, p. 487) aponta que, num período de três anos (2012-2015), dentre os indivíduos que abandonaram seus países no ocidente em direção à Síria e ao Iraque, 14% tinham menos de 18 anos. Considerando que a pesquisa desse autor se deu num universo de 1.200 entrevistados, é bastante significativo o número de jovens que assumem o compromisso com a ideologia extremista.

O efeito ocasionado pelo uso dessa máquina de propagação do terror só fez crescer o número de adeptos,<sup>22</sup> a maioria de pouca idade que, atualmente, se manifesta ideologicamente em favor do ISIS.<sup>23</sup> Cidadãos de dezenas de países agem de acordo com os preceitos dos terroristas, provocando “[...] vítimas por todo o mundo e obrigando ao reforço dos alertas e dos esforços contraterroristas” (TOMÉ, 2015, p. 143).

### 3.1 A RADICALIZAÇÃO

A radicalização de crianças e adolescentes pela Internet é cercada pelo anonimato que, num primeiro momento, confere relativa segurança tanto aos recrutadores quanto ao jovem que se aproxima da rede. Este, por detrás das telas do computador, é encorajado a navegar em busca dessa temática por acreditar que esteja no controle caso algo não saia como previu. No entanto, do outro lado da conexão se encontram criminosos preparados para recrutarem exatamente esse perfil de usuário.

Um dos grupos terroristas que mais investe nesse tipo de ação é o Estado Islâmico. Além dos materiais já citados anteriormente, o EI produz conteúdos direcionados ao público infantojuvenil, demonstrando a importância que atribui a esse grupo etário. Uma verdadeira máquina publicitária presente nas principais plataformas (YouTube, Facebook, Instagram e Twitter) que, por sua vez, atesta a sua visibilidade no cyberspaço:

---

22 Como explica Tomé (2015), nos últimos anos ocorreram vários atentados, envolvendo jihadistas e lobos solitários afetos ao ISIS. São cidadãos de dezenas de países: Afeganistão, Alemanha, Arábia Saudita, Argélia, Austrália, Bélgica, Bulgária, Canadá, China, Dinamarca, Egito, Espanha, EUA, Filipinas, França, Holanda, Iémen, Índia, Indonésia, Irã, Itália, Japão, Jordânia, Líbano, Líbia, Marrocos, Nigéria, Paquistão, Reino Unido, Rússia, Sudão, Tunísia, Turquemenistão, Turquia ou Uzbequistão.

23 Segundo Calafat (2015, p. 6), ISIS significa Estado Islâmico do Iraque e do Levante, sua sigla em inglês para *The Islamic State of Iraq and al-Sham*.

Este aspecto é particularmente relevante na atracção de jovens, incluindo ocidentais: significando que, a somar às células plantadas, aos terroristas provenientes de fora e àqueles que obtiveram nacionalidade de forma oportunista ou fraudulenta, soma-se agora um número impressionante de jihadistas express mais ou menos auto-radicalizados e nascidos e criados no Ocidente. (TOMÉ, 2015, p. 143).

O repertório utilizado pelos terroristas ostenta uma subjetividade que denota a necessidade de uma compreensão que transcende a violência incorporada em suas ações. Há um simbolismo imerso que exerce grande influência no adolescente (que, devido à pouca idade, se encontra em processo de conquista da sua liberdade, ao mesmo tempo em que necessita ser incluído) e na criança (este ser social a quem desde cedo são impostas regras sociais para que tenha condições de se integrar ao mundo do adulto):

[...] o simbólico no cotidiano do universo infantil desempenha, muitas vezes, papel essencial nos relacionamentos com o mundo adulto, ou no interior do próprio universo infantil. [...] Ao universo infantil cabe pô-lo sempre como dominado pelo mundo adulto, que dita as regras de socialização e convivência que a criança vai incorporar. Estruturam-se sempre a partir do mundo privado, com base em elementos calcados em valores simbólicos. (NUNES, 2003, p. 15).

Além do surgimento de combatentes para a realização de ataques aos povos ocidentais, há outro perfil de seguidores do ISIS, auto-denominado “Cibercalifado”, cujas ações estão voltadas a ataques via *web*, tendo como alvos agências governamentais, militares e de comunicação. Tomé (2015, p. 144) cita que, após o atentado na França, no ano de 2015, contas do Twitter e do YouTube do Comando Central dos EUA (CENTCOM), que lideram as ações da coligação internacional contra o Estado Islâmico, estiveram na mira de *hackers*.

Figura 2. Treinamento de crianças



Fonte: Depositphotos (2020).

### 3.2 POR QUE AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES?

No passado, a infância foi marcada por um período de ocultação, resultante de concepções construídas ao longo da nossa história. Há alguns séculos, conforme Sarmiento (2007, p. 27), o conjunto de crenças, teorias e valores vinha ocultando a realidade intrínseca no mundo infantil. Tal fato desvenda o motivo pelo qual o interesse (social e acadêmico) histórico pela criança é relativamente recente.

Com o advento da era capitalista, a consciência que se tinha da infância (inexistente na Idade Média) foi construída com base em um entendimento de que os pequenos não se caracterizariam como imperfeitos e incompletos, tal qual eram concebidos durante a Idade Média. Assim, a fase da infância passou a ser reconhecida como única, mas a cultura ditava modos distintos de desenvolvimento da criança. Rogoff (*apud* SARMENTO, 2007, p. 28) advoga que

[...] a diversidade das formas e modos de desenvolvimento das crianças, em função da sua pertença cultural – isto é, sustentam que a cultura molda a infância, por contraponto à ideia de uma natureza universal da infância, suposta a partir de estudos centrados no Ocidente.

Diante disso, tornou-se necessário compreender o importante papel que determinadas variáveis empreendem na formação da criança, isto é, uma visão da infância estruturada a partir de sua classe social, etnia, religião e do nível de instrução da população da qual ela faz parte.

Nessa linha de raciocínio, duas questões merecem reflexão. Em primeiro lugar, é importante destacar o quanto o meio interfere e molda o comportamento dos pequenos ao introjetar padrões e valores inerentes ao grupo de sua pertença. A outra se refere às inúmeras representações que, historicamente, foram atribuídas à infância e responsáveis por sua invisibilidade social. Talvez isso explique a equivocada intenção que se tem, nos dias de hoje, inclusive, de não garantir voz às nossas crianças.

Nesse contexto, é possível perceber condicionantes significativas no universo da criança que a tornam atrativa aos olhos dos terroristas. Traços que, somados a outras características, compõem o perfil do futuro combatente: leal (pouquíssima resistência e quase sem questionamentos), inteligente (facilidade em assimilar novos conhecimentos) e extremamente violenta (dessensibilização da violência, uma vez que passam a conviver desde cedo com cenas de assassinato). “A agressividade é uma manifestação de afeto, e a sua expressão está associada a experiências de vida, a características individuais e grupais, ao ambiente em que a pessoa vive, à necessidade de sobrevivência e adaptação” (GONÇALVES; GODOI, 2009, p. 81).

Já em relação à adolescência, pode-se afirmar que as sociedades modernas têm insistido em identificá-la como uma fase de transição e não a percebem como uma etapa da vida importante e bem definida, a começar pela quantidade de transformações impostas ao indivíduo que adolece: fatores biológicos, culturais, relativos à família e à escola, dentre outros. Além destas, o indivíduo que se encontra na adolescência se depara com a aquisição de novas capacidades intelectuais e de recentes responsabilidades enquanto ator social. Contudo, ainda assim, é um período marcado por indefinições em torno da sua trajetória de vida.

Em decorrência da sua imaturidade cognitiva, falta-lhes consciência suficiente para negar o que lhes é nocivo; em vista disso, se convertem em presas fáceis para os recrutadores que rondam a internet. A

curiosidade, muito comum nas crianças, as atrai a explorar o desconhecido. Já os adolescentes, mais propensos a se radicalizar (se comparados aos adultos), apresentam certa impulsividade que os coloca, aparentemente, preparados para assumirem mais riscos:

Os adolescentes precisam conquistar sua liberdade, mas precisam sentir-se incluídos. [...] Precisam fazer parte de um grupo. Carregam consigo a força e a fragilidade, a coragem e o medo, a completude e a transitoriedade. A incerteza também é uma conselheira permanente da construção da identidade dos adolescentes. Estes se encontram em uma situação que oscila entre o tudo e o nada. (DEBORTOLI, 2009, p. 37).

Tendo em vista a fase na qual se encontram, novos valores e costumes se tornam um atrativo maior em detrimento das regras de convivência impostas socialmente. Ao tentar construir a sua própria identidade, num processo em que se veem obrigados a abandonarem a infância, esses sujeitos necessitam se livrar de tudo aquilo que a ela remete. “O adolescente quer se ver livre de tudo que traz uma identificação com o tempo da infância. Brincar é coisa de criança. Para o adolescente é outra onda. [...] aprendem assim, que precisam negar a sua criança. Querem construir-se adultos.” (DEBORTOLI, 2009, p. 36).

A conquista da liberdade faz parte dos anseios daqueles que se deparam com a pré-adolescência e, junto, vem também a necessidade de serem incluídos, contanto que as diferenças impressas pela nova fase em seu ser sejam respeitadas.

Nesse sentido, Debortoli (2009, p. 35) entende que o indivíduo jovem (pré ou adolescente) concebe a figura do adulto como um conjunto de moralidade e certo autoritarismo, ou seja, a ideia do respeito conquistado pela imposição. Isso acaba por colocá-lo num lugar incômodo, distanciando-o cada vez mais. Nesse momento, pode ocorrer a perda de segurança em relação aos pais, antes referenciais importantes que o próprio adolescente passa a buscar em outro meio social:

Nesse processo o adolescente encontra-se muitas vezes perdido num mundo que ainda não é seu... [...] essa referência grupal atua como um elemento facilitador para a aceitação de sua nova condição de ex-criança e quase adulto junto aos seus iguais, que se encontram na mesma situação. Eles tanto

se ajudam em situações de dificuldade, apoiando-se mutuamente, formando grupinhos, como também são implacáveis na exclusão daqueles que, por algum motivo, não se encaixam nos padrões estabelecidos por eles. (CARVALHO; PINTO, 2009, p. 13).

#### **4. A EDUCAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE COMBATE AO TERRORISMO**

Educar é uma tarefa sublime, no entanto, cada dia mais difícil. As transformações pelas quais a sociedade tem passado impõem entraves à educação, levando a uma ausência de legitimação do real objetivo do ato de educar. Valores e costumes tradicionalmente repassados por gerações têm se perdido em meio a um turbilhão de incertezas ocasionadas pelas “novas exigências feitas ao sistema educativo” (JARES, 2005, p. 11). Isso não quer dizer que a Educação tenha de se manter afastada da realidade. Não! Longe disso. Ela deve estar no mesmo compasso das realidades econômicas, sociais e políticas, demonstrando conexão com o sistema que a envolve. Contudo, é preciso dar respostas aos processos sociais desastrosos que têm determinado o modo como vivemos: “[...] os fundamentalismos, as guerras, os terrorismos, a manipulação da informação, etc. – são alguns dos fatos que abonam o que dizemos. E essa maior complexidade e dificuldade é tanto para professores como para as mães e os pais, aliados ao processo educativo.” (JARES, 2005, p. 11).

Estudar o contexto social e político é uma importante missão de todo o sistema educativo. Mas para quê? Ora, é importante que o aluno de hoje conheça e seja capaz de explicar o mundo à sua volta, construindo um maior sentido à sua própria existência. Todavia, atualmente se tem percebido uma dinâmica na qual a apreensão de conhecimentos tecnológicos exige profissionais cada vez mais capacitados, com vistas a serem incluídos social e economicamente. Uma espécie de evolução humana regulada pelo mercado que fomenta a segregação e dilata o abismo social entre as classes, negando o princípio das oportunidades iguais para todos. Como consequência, a violência (fruto das injustiças sociais e regada pelo instinto de sobrevivência) se faz presente e, por capilaridade, preenche as lacunas deixadas pelo poder público.

Nessa direção, torna-se imperioso investir e acreditar num modelo educacional orientado pelo respeito à dignidade humana e à diversidade. Longe de utilizá-lo como instrumento das necessidades econômicas, a sociedade precisa, urgentemente, conceber a educação como uma ferramenta apta a promover a paz e a igualdade e que a faça compreender que, sem esses princípios, tornar-se-á impossível enfrentar os desafios impostos pelo novo cenário que se avizinha. “Educar para a não violência é, portanto, ajudar as novas gerações a encontrarem as razões suficientes para não optar pela violência que ameaça inviabilizar essas relações” (PINO, 2007, p. 778).

É preciso instituir em nossas crianças e adolescentes reflexões que promovam a cultura da não violência e da busca pela verdade. Há tempos se tem assistido o desprezo pela vida humana em meio a um processo que coisifica o outro. Este, por vezes, já se encontra à margem.

O progressivo aumento da exclusão social tem ocasionado o que Jares (2005, p. 31) denomina de “bolsões de vulnerabilidade e marginalização”. Importante salientar que o Brasil é um país diverso e demanda uma educação verdadeiramente democrática (igual, universal, gratuita e de qualidade), capaz de nos permitir compreender que diversidade nada tem a ver com desigualdade.

A educação deve, também, ser capaz de despertar nos indivíduos a sua capacidade de questionar o que lhes é imposto, guiando-os pelos caminhos da justiça e da igualdade, ao fazer uso de métodos que os auxiliem na construção da verdade. Nesse sentido, “[...] a autêntica natureza da educação traz junto com ela a busca da verdade. Porque o processo educativo traz, com ele, o conhecimento das diferentes explicações e possíveis direções a serem tomadas na vida...” (JARES, 2005, p. 129).

No mundo contemporâneo as relações sociais, em grande parte, têm se limitado a contatos virtuais, desligando-nos da importância que o outro tem em nossas vidas. Essa distância, encurtada por meio de mensagens (digitais) instantâneas, intensifica a predileção que os indivíduos têm pelos meios materiais de produção em detrimento do ser humano:

Faz-se necessária uma breve comparação dessa realidade com os campos de concentração em Auschwitz, lócus de uma tra-

gédia contra a humanidade. Lá, havia o que Adorno, sociólogo e educador alemão, entendia como um processo coisificador, no qual os nazistas aniquilaram e exterminaram milhões de pessoas, coisificando-as. (FAGUNDES; CHUY, 2018, p. 291).

Na mesma direção dessas relações humanas que desumanizam está o comportamento de grupos radicais extremistas que, na intenção de estabelecer o califado, universalmente, vêm impondo os seus preceitos e, quando encontram resistência, eliminam vidas humanas com uma destreza aterrorizante:

Os indivíduos desprovidos desta autoconsciência constituem-se vítimas da dominação da frieza do caráter manipulador. Tal como o carrasco, o torturador é pessoa desprovida de emoções, detentora de uma consciência coisificada, transformando a si mesmo e aos outros em coisa. (SILVA, 2013, p. 73).

Na verdade, além da inequívoca importância que a educação apresenta, ela deve ser capaz de enfrentar esse tipo de ameaça ao transmitir conhecimentos e fortalecer princípios fundamentais, em especial na educação básica. Não se pode prescindir de uma formação na qual o indivíduo seja livre para tomar suas próprias decisões (desde que legais), pois deve ser esse o caminho para a construção de uma verdadeira democracia. Nessa direção, faz-se necessário compreender que “se há regime de opressão, não há conscientização; o indivíduo não é livre para decidir por si mesmo” (FAGUNDES; CHUY, 2018, p. 299).

É imprescindível que se avance na constituição de práticas pedagógicas diferenciadas, capazes de legitimar a principal missão do educador, que é formar cidadãos conscientes na busca por uma sociedade mais justa e igual. Em tempos de globalização e terrorismo, a educação deve preparar as crianças e os adolescentes para não aceitarem a institucionalização das armadilhas que corroem a estrutura social.

De acordo com Jares (2005, p. 127), “[...] devemos reivindicar e relançar a necessidade educativa de educar e viver a partir da e para a busca da verdade, porque ir atrás da verdade faz parte de nossa tarefa mais legítima como educadores”. O autor aponta para o caminho da pedagogia ligada à alfabetização afetiva, tornando as emoções um me-

canismo que guiará o público infantojuvenil à confiança em si mesmo, como requisito imprescindível para o estabelecimento de uma relação segura com os seus pares.

É importante reconhecer que a presença da afetividade nas relações de ensino-aprendizagem não impede que se construa o “moderno”, ao contrário, é nesse diálogo entre as emoções e a racionalidade que se aumentam as chances de que o indivíduo (discente) seja capaz de desenvolver confiança e apoio mútuo e de conceber a vida com um olhar mais otimista. “A afetividade é hoje considerada por diversos estudiosos como fundamental na relação educativa por criar um clima propício à construção dos conhecimentos, pelas pessoas em formação” (RIBEIRO, 2010, p. 405).

O educador precisa desenvolver uma prática que estimule seus alunos a encarar a vida com mais entusiasmo e esperança. Para tanto, ele deve assumir o compromisso de defender os valores essenciais à cidadania e à liberdade das novas gerações com as quais se relaciona, guiando-as em direção à paz e ao desenvolvimento.

Cabe ao Estado, por intermédio do órgão responsável pela Educação (seja ela estadual ou municipal), implementar programas direcionados ao desenvolvimento, com vistas a transformar a instituição escolar numa ferramenta de intervenção social, capaz de quebrar a distância que a separa da comunidade, lhe oportunizando um novo olhar em relação àquela. “O fato de ser a escola uma instituição frequentemente alheia ao que ocorre no meio social em que está inserida provoca um certo distanciamento entre ela e o próprio meio, o que a torna um objeto estranho para este meio [...]” (PINO, 2007, p. 781).

É importante a implantação, a execução e a manutenção de projetos sociais que busquem corrigir estruturas injustas, responsáveis por diversos ataques aos direitos humanos e a uma efetiva democracia. Nesse contexto, a educação deve alcançar a todos, sem distinção. Assim, entende-se que somente a educação pode coibir e/ou minimizar a incidência de crianças e adolescentes recrutados por criminosos; em especial, por grupos terroristas.

## 5. CONCLUSÃO

ainda que o terrorismo não seja uma prática recente, a literatura aponta o 11 de setembro de 2001 como o divisor de águas na história dos atentados. Devido à sua dimensão (quantidade de perdas de vidas humanas), seu poder (contra um Estado considerado com uma das maiores potências mundiais) e a repercussão dos seus atos (os ataques às torres gêmeas foram televisionados em todo o planeta, quase em tempo real), o mundo passou a considerar que não há lugar seguro e que qualquer sujeito pode se tornar um alvo em potencial.

Para sustentar tal formato, o terror percebeu a necessidade de recrutar novos combatentes que vivessem, exatamente, nos países onde empreenderiam seus ataques. Tendo em vista a segurança adotada por muitas nações após a investida da Al-Qaeda contra os EUA, aumentaram-se o risco e a dificuldade em lançar combatentes no território inimigo, fato que levou os radicais fundamentalistas a reconhecerem a Internet como uma grande aliada.

A justificativa para isso está no fato de que, além de favorecer a propaganda (importante para a consolidação do grupo por meio de ameaças ao mundo ocidental e para a conquista de novos financiadores), as redes sociais dinamizam a troca de informações, disseminam material de conteúdo ideológico e atraem milhares de jovens ao redor do mundo, grande parte deles crianças e adolescentes.

Na Europa, em 2005, foi estabelecido o *programa The European Union Strategy for Combating Radicalisation and Recruitment to Terrorism*,<sup>24</sup> cujo objetivo era rastrear, na Internet, toda e qualquer suspeita de propaganda e prática e/ou postagem de narrativas ideológicas que demonstrassem potencial para conduzir ações de terror.

Ainda que, até o momento, o Brasil não tenha sido palco de atentados terroristas, o público jovem (a maioria deles, menor de 18 anos idade) vem demonstrando interesse pela causa. Essa identificação provém de alguns fatores, tais como: curiosidade que se transforma em admiração, sensação de não pertencimento social, sentimento de vazio por

---

24 Estratégia da União Europeia para Combater a Radicalização e o Recrutamento (tradução nossa).

considerar a sua própria vida monótona e o principal: por encontrar na ideologia promovida pelo terror o remédio para as constantes negativas impostas pela vida que, conforme o seu discurso, decorrem de uma sociedade excludente e injusta.

No Brasil, não tem sido raro o envolvimento, via *web*, de crianças e adolescentes com grupos terroristas, inclusive sendo autores de postagens ameaçadoras direcionadas a instituições governamentais e educacionais; sendo esta última o local no qual ele, supostamente, tenha sofrido algum tipo de discriminação (*bullying*)<sup>25</sup>.

Com o propósito de refletir acerca do papel da escola diante da participação de um público tão jovem nesse tipo de delito, este artigo jogou luz nas possibilidades que possui a educação para garantir às nossas crianças proteção diante de um inimigo tão nocivo e altamente complexo.

Nesse contexto, é preciso que as autoridades se conscientizem de que a socialização vivenciada pelo sujeito (crianças e adolescentes) produz a interiorização das normas e dos valores que lhe são postos diariamente. Diante da intolerância advinda das disputas pelo poder (e com mais intensidade, o político), os infantes têm formado a sua identidade num ambiente onde a violência vêm ganhando espaço e a simpatia dos indivíduos. Fato preocupante, uma vez que, ao terem contato com tamanha hostilidade, os pequenos vivenciam relações que desnudam e aniquilam as práticas de solidariedade e generosidade tão desejadas numa sociedade que se autodenomina pós-moderna.

Diante do exposto, é preciso que as autoridades se conscientizem da importância do seu papel no que diz respeito à radicalização de crianças e adolescentes nos ambientes virtuais. Torna-se necessário

---

25 De acordo com Fante (2005) e Olweus (2004), citados por Trindade e Menezes (2015, p. 53-54), *bullying* seria “[...] uma palavra usada na literatura técnica da psicologia anglo-saxônica. Vinda do inglês, *bully* significa valentão, tirano e, como verbo, significa tyrannizar, amedrontar. Ainda segundo Fante (2005), citado por Trindade e Menezes (2010), *bullying* é a palavra utilizada no idioma inglês devido à dificuldade em se encontrar a sua tradução em outros idiomas e cuja definição internacional se refere a “[...] um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros que alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*”.

que, no Brasil, os Ministério da Defesa, da Justiça e Segurança Pública, dos Direitos Humanos e da Educação, de maneira coordenada, trabalhem conjuntamente na constituição de programas que venham a combater esse fenômeno. Para tanto, é necessário que os poderes atuem em formato de cooperação, adotando as melhores decisões, por meio dos produtos das análises de casos envolvendo crianças e adolescentes.

Ao Ministério da Justiça, cabe empenhar recursos e material humano nas atividades que requeiram a participação das forças de segurança, agindo sempre mediante o respaldo das análises desenvolvidas conjuntamente com os outros ministérios.

A polícia, em qualquer esfera, deve estabelecer vínculos com a sociedade, objetivando instituir uma relação segura, na qual o compartilhamento de informações se dê sistematicamente. Cabe também o oferecimento de cursos nas instituições de ensino (público e privado) no sentido de orientar os alunos sobre o uso responsável da Internet, bem como seus pais, acerca dos riscos que o público jovem se submete quando navega sozinho na rede.

Ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, cabe assessorar os outros ministérios quanto ao planejamento e à execução das ações voltadas ao bem-estar do público infantil (e adolescente). No planejamento, por meio do compartilhamento de informações, é preciso mapear as regiões onde há maior concentração de jovens em situação de vulnerabilidade (ou seja, potenciais indivíduos a serem radicalizados) e acompanhar/fiscalizar o cumprimento das atividades dos outros ministérios.

Às escolas, orientar seus alunos sobre o uso responsável da Internet (atentando sempre para os riscos) e, ao mesmo tempo, acompanhar aquele que sinalizar algum comportamento suspeito ao ambiente escolar. Cabe, também, abrir as suas portas visando criar vínculos com as famílias e com o Estado, por intermédio das forças de segurança, com vistas a renovar a imagem que a polícia tem do contexto educacional.

Aos docentes, cabe ensinar que o bem mais precioso e inegociável é a vida: a sua e a do outro. Portanto, além dos conteúdos que fa-

zem parte da grade curricular, os alunos da educação básica devem ter disciplinas que orientem a sua formação social e que abordem aspectos essenciais para a construção e o exercício de sua cidadania.

A educação também deve assumir o protagonismo na formação de indivíduos mais humanos e aptos a lidar com as frustrações que, naturalmente, surgem durante a vida. Uma formação apta a transmitir aos discentes a ideia de que nem sempre encontrarão pessoas que compactuem com as suas opiniões e que, por isso, devem estar preparados para lidar com tudo. Ela deve ensinar também que, diante dos conflitos, prevalece o diálogo como ferramenta pacificadora e hábil para resgatar a paz e a estabilidade sociais.

É necessário construir, por meio das gerações futuras, uma sociedade crítica e democrática, alicerçada em princípios que dignifiquem o ser humano. Mesmo imersa nesse processo de globalização, essa mesma educação não deve se permitir ser coagida a aceitar um currículo exclusivamente direcionado aos interesses oriundos de um sistema cujo modelo promove e mantém as desigualdades sociais.

Formar cidadãos capazes de combater qualquer forma de violência também deve ser considerada uma prioridade, visto que temos convivido com inúmeros tipos de barbárie, a exemplo do terrorismo. Nessa acepção, não cabe permitir que nossas crianças sejam retiradas dos bancos das escolas para se integrarem às fileiras das organizações criminosas, como temos presenciado nas últimas décadas.

Esse desvirtuamento social deve ser entendido como um pedido de ajuda de alguém que se cansou de sua invisibilidade (aos olhos da sociedade) e só tinha esse caminho para seguir. Tal comportamento pode ser justificado pela guarda inconsciente de sentimentos ruins, que durante a infância potencializa a possibilidade da ocorrência de um surto, pela necessidade de externalizar mágoas e angústias que, há tempos, vinham-no sufocando. Sentimentos com os quais foi obrigado a conviver, tendo a constante percepção de que sobrevive num mundo que não lhe pertence.

É importante frisar ainda que a escola deve ter competência para intervir junto à comunidade local e desenvolver projetos que visem

suprir os pontos de vulnerabilidade social, levando conhecimento e equilíbrio às famílias, principalmente as residentes nas periferias das grandes metrópoles. Estas, por sua vez, possuem um papel essencial de apoio às crianças em toda a sua trajetória escolar. Ações de incentivo devem permear a vida acadêmica do sujeito como forma de demonstrar o sentido real do aprendizado e da aquisição de valores que nortearão toda a sua existência. Os pais, ou os responsáveis pela criança, precisam estar preparados para essa missão e, portanto, cabe ao Estado, por meio de suas políticas sociais, empreender esforços no sentido de que as famílias, principalmente as carentes, sejam assistidas regularmente em programas de suporte ao seu bem-estar. Mediante a disponibilidade de saúde, assistência psicológica, alimentação, educação e segurança, grande parte desses jovens não terão o desprazer de conviver com a possibilidade da morte precoce, tão presente na vida criminosa.

Urge a constituição de um sistema educacional que promova uma educação básica de qualidade, gratuita e universal, levando em consideração a diversidade cultural e as demandas características de cada região brasileira.

O terror não pode encontrar facilidade em alcançar a infância como quem lança um novilho desprotegido. Mesmo diante das adversidades inerentes da vida em sociedade, as crianças e os adolescentes têm o direito de sonhar, elaborando planos para a sua vida futura. A nós, pais e educadores, cabe protegê-los, garantindo-lhes condições para que esse sonho se concretize. Nestes 30 anos de sua existência, temos o dever de fazer com que as garantias previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) se efetivem, atestando quão fundamental é a infância em nossa sociedade.

**CARLOS FREDERICO FELÍCIO FAGUNDES**

AGENTE DE POLÍCIA FEDERAL.

DOUTORANDO E MESTRE (2017) EM EDUCAÇÃO PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS.

GRADUADO EM PROGRAMA ESPECIAL DE FORMAÇÃO DE DOCENTES, COM HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA (2014) E EM ENGENHARIA CIVIL (1997).

MEMBRO DO GRUPO DE PESQUISA “REDE DE PESQUISA EM TERRORISMO, CONTRATERRORISMO E CRIME ORGANIZADO” CERTIFICADO PELA ESCOLA SUPERIOR DE POLÍCIA DA ANP/PF

<http://lattes.cnpq.br/5083675249867493>

## **TERRORISM: THE VIRTUAL RECRUITMENT OF CHILDREN AND ADOLESCENTS AND THE ROLE OF EDUCATION**

### *ABSTRACT*

This article, produced in June 2020, analyzes the recruitment of children and adolescents by terrorist groups on social media platforms and the role of education in preventing and combating this phenomenon. Terrorism has never been as evident as it is today, given the sequence of attacks that started, mainly in Western countries, revealing that it remains in full swing, even after the US reaction due to September 11th. However, it has been noticed that, in most attacks, the perpetrators are individuals of foreign origin (Western or naturalized), radicalized and recruited through the Internet, and, of these, children and adolescents are a significant portion. To develop this analysis, the manuscript was organized in the following structure: in addition to the introduction, in which a brief report on the topic was made, the first part includes data and information on the use of the Internet by children and adolescents and describes how some terrorists groups have been using this technology. The second part shows the transformations after September 11th, especially regarding the organizational structure of extremist groups. It also addresses the issue of radicalization and outlines why radicals have been especially interested in the recruitment of children and adolescents. The final part discusses the role of education as a combat tool and concludes with considerations and suggestions directed at school institutions, families and government authorities on how to prevent and combat the radicalization of young individuals in the virtual environment.

**KEYWORDS:** terrorism; children; adolescents; internet; radicalization; education.

## **TERRORISMO: EL RECLUTAMIENTO VIRTUAL DE NIÑOS Y ADOLESCENTES Y EL PAPEL DE LA EDUCACIÓN**

### **RESUMEN**

Este artículo, producido en junio de 2020, analiza el reclutamiento de niños y adolescentes por grupos terroristas en las plataformas de las redes sociales y el papel de la educación con relación a la prevención y el combate a ese fenómeno. El terrorismo nunca estuvo tan aparente como actualmente, considerando la secuencia de atentados deflagrados, especialmente en los países occidentales, revelando que se mantiene en plena actividad, mismo después de la reacción norteamericana después del 11 de septiembre de 2001. Sin embargo, se ha visto que, en gran parte de los ataques, los autores son individuos de origen extranjera (occidentales o naturalizados), radicalizados y reclutados en la Internet y, de ellos, una parcela significativa está formada por niños y adolescentes. Para desarrollar este análisis, el manuscrito presenta la siguiente estructura: además de la introducción, en la cual se hace un relato breve sobre la temática, la primera parte contempla datos e informaciones sobre el uso de la Internet por el público infantil y juvenil y describe el modo como algunos grupos terroristas se han servido de esa tecnología. A su vez, la segunda apunta las transformaciones después del 11 de septiembre, en especial relativas a la estructura organizacional de los grupos extremistas. Trabaja también con la cuestión de la radicalización y delinea el motivo por el cual los radicales han conferido especial interés al reclutamiento de niños y adolescentes. La parte final trae una reflexión sobre el papel de la educación como herramienta de combate y concluye con consideraciones y sugerencias direccionadas a las instituciones escolares, a las familias y a las autoridades gubernamentales en lo que dice respecto a la prevención y al combate a la radicalización de individuos jóvenes en el ambiente virtual.

**PALABRAS-CLAVE:** terrorismo; niños; adolescente; internet; radicalización; educación.

## 6. REFERÊNCIAS

ARGENTINA. *Código Penal* – Lei nº 26.734, de 22 de diciembre de 2011. Disponível em: <http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/190000-194999/192137/norma.htm>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BIAGI, Orivaldo Leme. O imaginário da Guerra Fria. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 1, p. 61-111, 2001. Disponível em: [https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/revista\\_historia\\_regional.pdf](https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/revista_historia_regional.pdf). Acesso em: 9 jun. 2021.

[BRASIL. Lei nº 13.260, de 16 de março de 2016. Regulamenta o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo, tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista; e altera as Leis nº 7.960, de 21 de dezembro de 1989, e 12.850, de 2 de agosto de 2013. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/113260.htm. Acesso em: 14 jun. 2021.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113260.htm)

BUNDE, Mateus. Fome na África. *Todo Estudo*, [201-?]. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/geografia/fome-na-africa>. Acesso em: 23 jul. 2020.

[CALAFAT, Natália Nahas. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante: fundamentos políticos à violência política. \*Conjuntura Austral – Journal of the global South\*, Porto Alegre, v. 6, n. 31, p. 6-20-ago./set. 2015.](#)

CÂMARA, Thiago Sette. Terrorismo na Era da Internet: o uso de redes sociais pelo Estado Islâmico. *Revista Relações Internacionais no Mundo Atual*, v. 1, n. 21, p. 196-221, 2016.

CARVALHO, Alysson. PINTO, Mércia Veloso. Ser ou não ser... Quem são os adolescentes? In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (org.). *Adolescência*. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Editora UFMG/Proex-UFMG, 2009. p. 11-28.

CORREIA, Gonçalo. O Estado Islâmico e a Internet: onde e como eles recrutam. *Observador*, 20 novembro de 2015. Disponível em: [observador.pt/2015/11/20/o-estado-islamico-e-a-internet-onde-e](http://observador.pt/2015/11/20/o-estado-islamico-e-a-internet-onde-e)

como-recruta/ Acesso em: 28 maio 2021.

DALAMURA, Marcos. O que é a Deep WEB? *Acessa.com Mais comunicação*, 18 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.acessa.com/tecnologia/arquivo/artigo/2019/04/18-que-deep-web/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Adolescência (s). Identidade e formação Humana. *In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (org.). Adolescência*. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Editora UFMG/Proex - UFMG, 2009. P. 29-45.

DEPOSITPHOTOS. Imagens usadas nas figuras 1 e 2. Disponível em: [www.depositphotos.com.br](http://www.depositphotos.com.br). Acesso em: 23 jul. 2020.

FAAD, Alexandre; MARQUES, André Ricardo. Definição, histórico e “evolução” do terrorismo mundial: desafios estatais frente às mídias sociais como instrumento do terror. *In: FAGUNDES, Carlos Frederico Felício; LASMAR, Jorge Mascarenhas; CHUY, José Fernando Moraes (org.). Perspectivas do terrorismo transnacional contemporâneo*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2019. p. 16-49.

FAGUNDES, Carlos Frederico Felício; CHUY, José Fernando Moraes. O novo terrorismo: a educação como vetor preventivo ao recrutamento e à radicalização de crianças e adolescentes. *In: FAGUNDES, Carlos Frederico Felício; LASMAR, Jorge Mascarenhas; CHUY, José Fernando Moraes (org.). Perspectivas do terrorismo transnacional contemporâneo*. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2019. p. 272-306.

FBI – Federal Bureau of Investigation. *What We Investigate – Terrorism*. United States of America, [201-?]. Disponível em: [www.fbi.gov/investigate/terrorism](http://www.fbi.gov/investigate/terrorism). Acesso em: 14 jun. 2021.

GONÇALVES, Betânia Diniz; GODOI, Cláudia Mayorga Borges de. Quando o assunto é adolescência e agressividade... *In: CARVALHO, Alysson; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília. Adolescência*. 1. ed. Atual. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex-UFMG, 2009. p. 81-90.

HSI – Homeland Security Institute. *The Internet as a terrorist tool for recruitment and radicalization of youth*. Arlington: Homeland Security Institute/U.S Department of Homeland Security/Science

and Technology Directorate, 2009.

JARES, Xésus R. *Educar para a verdade e para a esperança: em tempos de globalização, guerra preventiva e terrorismos*. Tradução de Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2005.

KHOSROKHAVAR, Farhad. Os novos atores jihadistas. *Revista Sociedade e Estado*, v. 33, n. 2, p. 487-509, maio-ago. 2018.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. *Etnográfica*, v. 14, n. 1, p. 27-58, fev. 2010.

LIMA, Venício A. de. Os mídia e o cenário de representação da política. *Lua Nova*, São Paulo, n. 38, p. 239-271, dez. 1996. DOI 10.1590/S0102-64451996000200012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451996000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451996000200012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 13 jul. 2020.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. *Caderno ASLEGIS*, v. 48, p. 11-45, jan.-abr. 2013. Disponível em: [http://belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48\\_art01\\_hist\\_internet.pdf](http://belins.eng.br/ac01/papers/aslegis48_art01_hist_internet.pdf). Acesso em: 14 jun. 2021.

MPGO – Ministério Público do Estado de Goiás. *Unicef lança ação sobre uso seguro da internet por adolescentes*. MPGO, 11 ago. 2015. Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portal/noticia/unicef-lanca-acao-sobre-uso-seguro-da-internet-por-adolescentes--2#XwzA-G1KjIU>. Acesso em: 13 jul. 2020.

NERIS JR., Celso; FUCIDJI, José Ricardo; GOMES, Rogério. Trajetórias tecnológicas da indústria de telefonia móvel: um exame prospectivo de tecnologias emergentes. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 2 (51), p. 395-431, ago. 2014.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Introdução: Preconceito como Justificativas de Diferenças Sociais. In: NUNES, Brasilmar Ferreira. *Sociedade e Infância no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

ONU News. Perspectivas global, reportagens humanas. Estudo da ONU revela que mundo tem abismo digital de gênero. *Desenvolvimento Econômico*, 6 nov. 2019.

ONU – Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *TIC Kids Online Brasil 2018 – Principais Resultados*. São Paulo: ONU, 17 de setembro de 2019. Disponível em: [https://www.cetic.br/media/analises/tic\\_kids\\_online\\_brasil\\_2018\\_coletiva\\_de\\_imprensa.pdf](https://www.cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2018_coletiva_de_imprensa.pdf). Acesso em: 27 maio 2020.

PARLAMENTO EUROPEU. O Terrorismo na EU: ataques terroristas, vítimas mortais e detenções em 2019 desde 2015. *Atualidade, Segurança, 3 de novembro de 2020*. Disponível em: <https://www.europarl.europa.eu/News/pt/headlines/security/20180703STO07125/terrorismo-na-eu-ataques-terroristas-vitimas-mortais-e-detencoes-em-2019>. Acesso em: 10 jun. 2021.

PINO, Angel. Violência, Educação e Sociedade: Um olhar sobre o Brasil Contemporâneo. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 763-785, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 jun. 2021.

RAN CENTRE OF EXCELLENCE. *High-Level Conference on child returnees and released prisoners*. Disponível em: [ec.europa.eu/home-affairs/sites/default/files/what-we-do/networks/radicalisation\\_awareness\\_networks/ran-papers/docs/high-level\\_conference\\_on\\_child\\_returnees\\_and\\_released\\_prisoners\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/home-affairs/sites/default/files/what-we-do/networks/radicalisation_awareness_networks/ran-papers/docs/high-level_conference_on_child_returnees_and_released_prisoners_en.pdf). Acesso em: 11 jun. 2021.

RAPOPORT, David C. Fear and Trembling: Terrorism in Three Religious Traditions. *The American Political Science Review*, v. 78, n. 3, p. 658-677, Sept. 1984.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 27, n. 3, p. 403-412, jul.-set. 2010.

SANTOS, Edison Santana dos. O lobo solitário – terrorista. *Revista Gestão Universitária*, 23 de maio de 2018. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/o-lobo-solitario-terrorista>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudos da infância. In: VASCONCELLOS, Maria Ramos de; SARMENTO, Manuel Jacinto (org.). *Infância (in) visível*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SATO, Eiiti. Dicotomia global-local na era da globalização: um novo paradigma para a política internacional? *Cadernos Adenauer*, v. XVI, n. 4, p. 9-39, 2015. Disponível em: [https://www.kas.de/c/document\\_library/get\\_file?uuid=395b2a3e-b003-5a92-474e-6b2802957029&groupId=265553](https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=395b2a3e-b003-5a92-474e-6b2802957029&groupId=265553). Acesso em: 14 jun. 2021.

SEGUNDO ENCONTRO DE ESTUDOS: Terrorismo. Brasília: Gabinete de Segurança Institucional/Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais, 2004. 123p.

SILVA, Alex Sander da. Auschwitz e a interrupção da poesia ou uma crítica imanente da barbárie contemporânea. *Impulso*, Piracicaba, v. 23, n. 58, p. 69-79, out.-dez. 2013.

SILVA, Alzira Karla Araújo da; CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho; LIMA, Izabel França. O conhecimento e as tecnologias na sociedade da informação. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, v. 33, n. 1, p. 213-239, Ene.-Jun. 2010.

SOMMERVILLE, Quentin; DALATI, Riam. As crianças que sofreram ‘lavagem cerebral’ pelo EI e que estão fugindo para a Europa. *BBC News*, 22 ago. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40980909>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SOUSA, Rafaela. Países subdesenvolvidos. *Mundo Educação*, [201-?]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/pa%C3%ADses-subdesenvolvidos.htm>. Acesso em: 13 jul. 2020.

SULLIVAN, John P. Crianças Soldado: desespero, retorno a barbárie e conflito. *ASPJ*, 1º de agosto de 2008. Disponível em: [https://www.academia.edu/1116952/Crian%C3%A7as\\_Soldados\\_desespero\\_retorno\\_a\\_barbarie\\_e\\_conflito](https://www.academia.edu/1116952/Crian%C3%A7as_Soldados_desespero_retorno_a_barbarie_e_conflito).

TEIXEIRA, Ana Maria de Souza. O papel da mídia na guerra ao terror: o caso da suspeita terrorista na tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguai. *Século XXI*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 54-77, jul.-dez. 2014.

TOMÉ, Luis. Estado Islâmico. Percurso e alcance um ano depois da autoproclamação do Califado. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, v. 6, n. 1, maio-out. 2015.

TRINDADE, Alcione Melo; MENEZES, Jaileila de Araújo. Intimidações na Adolescência: reflexões socioculturais da violência

entre pares no contexto escolar. In: GONÇALVES, Catarina Carneiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. *Violências e bullying na escola*. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 45-66.

UIT – União Internacional de Telecomunicações. *Nuevos datos da la UIT indican que, pese a la mayor implantación de Internet la brecha de género digital sigue crescendo*. Ginebra, 5 de noviembre de 2019. Disponível em: <https://www.itu.int/es/mediacentre/pages/2019-PR19.aspx>. Acesso em: 27 maio 2020.

UNODC – United National Office on Drugs and Crime. *The use of Internet for terrorist's purposes*. Viena: United National Office on Drugs and Crime, 2012.

VERKAIK, Robert. *Jihadi John*. Como nasce um terrorista. Uma história real. Tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017. 304 p.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, maio/ago. 2000.